

geologia - paleontologia - arqueologia - história

# Newsletter

CULTURE CLUB  
**House**



newsletter 1\_maio de 2017

[www.housecultureclub.com](http://www.housecultureclub.com)



## Viajar não é um custo, é um investimento

Há mais de 50 anos, alguém chegado, comentou “passear, ver prédios, casas velhas..., aqui também as tenho”. Esta falta de sensibilidade é marcante, é não ver para além do óbvio, mas não causa estranheza, falta de bases culturais nas décadas de 50 – 60 do século passado não traz surpresa. Hoje sim. Viajar só para eliminar o tédio de estar fechado em casa, no centro comercial ou no café da zona, o habitual “ir comer fora”, não trará qualquer benefício. Afinal cada um fará com o seu tempo aquilo que melhor entender. Podemos correr milhares de km, cansar o corpo, fechar o intelecto e nada obter.

Surpreende que se encare o viajar como uma despesa, necessária, mas um custo, não um investimento. Se fizermos um curso de um qualquer idioma, também o pagamos, o retorno pode ou não ser uma realidade. Se não houver prática, esquece, mas não deixou de ser um investimento, abriu horizontes, possibilitou o entendimento a vários níveis, o intercâmbio, a leitura.

Num curso, cada um tirará o proveito a que estiver predisposto, afinal há os bons e os maus alunos e os assim-assim, como em tudo na vida, e viajar não é diferente, só não está sujeito a avaliação. Mas, quando a isso nos predispomos, exige objectivo, preparação e, se a nossa sensibilidade e percepção for “grande” por certo será um ganho, afinal um investimento na nossa cultura. Todo o esforço tem que ter retorno.

O património histórico-arqueológico é parte da herança cultural de um povo, no fundo a sua memória colectiva. Quando recuamos e entramos na esfera dos tempos geológicos, não raro somos confrontados com a insustentabilidade da indiferença.

A divulgação surge como forma de valorizar o passado e como evoluiu nos diversos segmentos quer eles sejam materiais ou não, criando sustentabilidade aos níveis local e regional através do turismo, fomentando ao mesmo tempo todo um processo de investigação, ou a continuidade do mesmo.

O **House Culture Club** congrega valências ao nível interno e externo em áreas sensíveis da cultura. Esta abordagem ao património material e imaterial resulta num modelo que obedecendo a temáticas específicas se torna sustentável pela sua capacidade de inovar – combinar plataformas culturais e promover o contacto interpessoal.

## Turismo temático, conceitos

O conceito “Turismo temático” é uma abordagem não nova, afinal são muitos os que preferem como destino turístico, o

Egipto, a Grécia, Roma ou mesmo o México, sem falar de outras culturas tão ou mais importantes.

Em dado momento formulei uma pergunta a uma pessoa com boa percepção e capacidade intelectual... “então, gostaste de Roma?” a resposta não podia ser mais devastadora “ora, ... pedras!”. Alguns vão dizer que é para quem gosta, para os entendidos, mas o que é facto, poucos são os indiferentes.

E cá dentro, é só para turista...? Será que a nossa cultura se destina em sentido prioritário a quem nos visita? – Se não gostarmos e conhecermos o que é nosso, como vamos transmitir o valor da nossa cultura?

Continuamos a “vender” areia e sol e património nos grandes meios urbanos, mas Portugal não é só Lisboa, Porto e Coimbra. Falta muito investimento e divulgação, porque bons roteiros existem, mas os canais a partir dos grandes centros não estão organizados. Então a solução é sempre o individualismo, cada um por si.

No passado havia um chavão que servia de definição para a nossa forma de estar na vida – Fátima, Fado e Futebol, e hoje não estamos muito longe, o turismo religioso é olhado com interesse e o patrimonial visto com alguma indiferença, um pouco para dizer “eu já lá estive”.

É com frequência que ouvimos dizer “Portugal tem muitas coisas bonitas, não precisamos ir lá fora”, mas depois também não vamos cá dentro. O que falta então? É uma questão de bases culturais e essas adquirem-se na escola!?

**Newsletter, especial: área escola** com programas para “ meio, ciências, geografia e história ”, opções em saídas de estudo no 4º, 5º e 6ºs anos do EB, será distribuída durante o mês de Agosto.

**Turismo sénior** – na programação de alguns circuitos está indicado o grau de dificuldade que os mesmos comportam, em causa percursos pedonais, com alguma complexidade e extensão. O uso de calçado adequado e confortável é aconselhável.

## Objectivos

Todos já vivemos a experiência de visitar um lugar, museu ou estrutura patrimonial e o acompanhamento se mostrar insuficiente ou inexistente.

O **House Culture Club** reúne grupos definidos por interesses culturais comuns disponibilizando meios necessários à compreensão, otimizando recursos locais. Satisfaz o visitante, aumentando o nível de consciência para o património, promovendo o desenvolvimento local.

O património é o reflexo da nossa identidade, da nossa história. De facto quando falamos da nossa riqueza, nesta área, também estamos a falar de desenvolvimento, aos níveis nacional e regional, empregos, turismo e, de muitos outros sectores, ligados directa ou indirectamente a este processo.

A diversidade e abundância em achados, permite comparar estruturas, gerando modelos, publicando resultados.

A presença de técnicos ligados a estruturas culturais, em auditório, pretende reforçar a compreensão, entender os meios envolvidos e todo o esforço e limitações impostos aos níveis científico, técnico, logístico, financeiro, legislativo e governamental.

Turismo temático, porquê?

Um país, com 900 [±] anos de história têm necessariamente um vasto património. Se a isto juntarmos todos os povos que por aqui passaram desde o paleolítico, poderemos estar certos que a nossa riqueza patrimonial é imensa, e se recuarmos no tempo, então teremos um “livro” com muito para contar e aprender!

Teremos muito mais que areia e Sol para oferecer a quem nos visita, e a todos aqueles que por património histórico ou geológico-paleontológico se interessam, para além da nossa gastronomia e do nosso registo lúdico.

Esquecer isto é apagar as nossas origens, pior, é termos uma visão distorcida da realidade que nos deu forma, de onde viemos e para onde vamos.

Conscientes que este tipo de turismo não se adequa a todos os espíritos, contaremos sempre com os que não sabem, por falta de oportunidade ou esclarecimento, criando valorização patrimonial, despertando capacidades inatas em todo o Ser humano, nomeadamente a sua curiosidade natural.

## ... o que pode ser feito?

Multiplicam-se nas redes sociais publicações sobre património. De investigação a sítios com carácter duvidoso, desinformação pura, tudo se encontra. A internet é assim, mas os fins não justificam os meios.

Assiste-se, de há uns anos a esta parte, o que é um facto, a um acordar para a história, para as nossas raízes mais profundas, porque em verdade o património é imenso, muito já classificado, outro em vias e, candidaturas, afinal as ambicionadas classificações trazem meios e formas de investimento.

Por estupidez e ignorância pura, o que não falta por aí é património vandalizado, porque para os espíritos mais ácidos subsistirá sempre a dúvida, lamentos que a lado algum conduzem. Coloquem a crítica de lado, perguntem antes, o que pode ser feito para criar sustentabilidade e valorização no que já temos, no que já é nosso!

Ter a “ousadia” de trilhar caminhos dentro da linha patrimonial num país riquíssimo de estruturas e tradições, é de uma enorme responsabilidade e se quisermos uma certa dose de loucura.

A “leveza” com que o visitante encara o que observa é assustadora. Numa primeira análise dir-se-ia que esperavam encontrar outra coisa, faltando a capacidade de interpretar a história pelos seus testemunhos, porque olhar apenas a pedra e os objectos é desvalorizar o património e não perceber a história.

Num recente inquérito, das pessoas que aceitaram responder, cerca de um terço; 80 % até faz turismo de património; 53,33 % admite programar as visitas, 60 % adquire algum tipo de bibliografia, mas, apenas 33,33 % solicita um guia. “Uma boa biblioteca a acumular pó e que só alguns vão ler”.

Já são muitas as estruturas que disponibilizam guias, e, dentro dos custos de deslocação, transporte, alimentação e outros, o guia é o que menos pesa.

Então o que falta? Nada! Apenas sobra o individualismo de cada um por si, ou antes, falta o espírito de comunidade, espírito de grupo para viagens organizadas!

Carlos Farinha

... para reflectir

## Vale do Côa



... e o insólito aconteceu, uma bicicleta, um ser humano a traço e as letras “Bik” gravadas sobre figuras antropomórficas com mais de 15.000 anos, do paleolítico no Vale do Côa – **Vandalismo**

Acto tornado público nos média [DN, SIC, TVI24, ...] e redes sociais em 28 de Abril último, conforme comunicação feita pela Fundação Côa Parque à agência Lusa.

Para os mais cépticos, quando se fala em atentados ao património, a comunicação não deixa margem para dúvidas, **a má formação, a ignorância e a estupidéz são factos.**

Classificadas como Património Mundial desde 1998 as gravuras do Vale do Côa, com reconhecimento internacional quanto à qualidade e conservação saem assim lesadas, colocando em causa a certificação, pela ausência de vigilância, responsabilidade dos organismos tutelares.

## Naturtejo, Geopark

Nada parece ser difícil para quem quer roubar. A notícia de quarta-feira dia 11 de Fevereiro de 2009, p.25, do DN, disso mesmo dá conta.

15 toneladas, 1.90 m de comprimento e um diâmetro de 0.98/0.84 m, isso mesmo, roubaram um tronco fóssil silicificado, com mais de 5 milhões de anos, em propriedade privada (Herdade da Coutada), Vila Velha de Rodão, área geográfica da Naturtejo, Geoparque classificado pela Unesco.

Este geomonumento é uma fracção de um tronco de uma árvore da família das Anoneiras, *Annonoxylon teixeirae* (PAIS, 1991), portanto de climas tropicais, elemento importante para a compreensão das alterações climáticas globais e no médio Tejo, conforme Carlos Neto de Carvalho, coordenador

científico da Naturtejo e autor de publicação sobre este achado confirma.

[http://www.altotejo.org/acafta/docs/Estudos\\_e\\_Trabalhos/Arvores\\_Fosseis\\_de\\_Rodao.pdf](http://www.altotejo.org/acafta/docs/Estudos_e_Trabalhos/Arvores_Fosseis_de_Rodao.pdf)



Na data de publicação da presente *Newsletter* o tronco continua em parte incerta não havendo portanto qualquer referência que indicie o local onde se encontra.

**Um tronco raro. Tem cinco milhões de anos e foi roubado de Vila Velha de Ródão, Portugal, pág. 25**

**Diário de Notícias**  
Quarta-feira, 11 de Fevereiro de 2009 **25**

**Tronco fóssil é o único no País classificado pela UNESCO**

**Vila Velha de Ródão.** Vaga de furtos de brasões e pias em Castelo Branco

# Roubaram tronco fóssil com cinco milhões de anos

Pesa 15 toneladas e só com recurso a máquinas pode ter sido levado  
LEONOR VELOSO, Castelo Branco

Um tronco fóssil com cinco milhões de anos, um dos mais importantes geomonumentos do Geoparque Naturtejo, único no país classificado pela UNESCO, foi roubado da Herdade da Coutada, propriedade privada no concelho de Vila Velha de Ródão, em Castelo Branco.

O tronco petrificado, “em excelente estado de preservação”, e em vias de ser classificado como Bem Móvel de Interesse Municipal, pertence à família das Anoneiras, árvores que, actualmente, só existem em latitudes tropicais, o revela o seu importante contributo para compreender as alterações climáticas globais no planeta e no Médio Tejo.

O roubo está já a ser investigado pela GNR local e, dada a dimensão desta árvore petrificada (dois metros de altura e um de diâmetro, e o peso aproximado 15 toneladas), calcula-se que “o roubo terá sido planeado com o recurso a uma retroescavadora e a um camião”, adiantou ao DN Carlos Neto de Carvalho, geólogo do Geoparque Naturtejo, e autor de um artigo de investigação sobre o achado

**Geólogo alerta para o legado que está a ser perdido**

“Nos últimos meses, tem acontecido na nossa região uma série de vendas e roubos de pedras rústicas, brasões e pias, e até muros completos que são desmantelados”, revela o investigador, mencionando o recente caso do furto do brasão da Porta de Santo António da muralha de Monsanto. “É um legado que está a ser perdido e estando mais ou menos abandonado na nossa região é alvo de roubos e vendas”, evidenciou, fazendo o alerta a todos quantos possam ajudar na localização.

“Este fóssil não tem um elevado valor comercial, mesmo para um colecionador não é um fóssil raro de grande valor, como poderá ser um osso de um dinossauro, e as suas grandes dimensões levam a crer que terá sido subtraído com fins meramente ornamentais”, esclarece o responsável do Geoparque Naturtejo.

“Esta região é o eixo de um fluxo de venda ou subtração de pedras rústicas e o mercado é claramente o espanhol”, denunciou, adiantando que se o achado ainda estiver em território nacional, ainda “é possível revê-lo, mas se for localizado em Espanha será muito complicado”. E explica que a nova lei de Conservação da Natureza já contempla a inventariação nacional de geossítios, de que faz parte o tronco, o que facilita a sua reposição, caso seja localizado. ■



# A importância do termalismo na romanização

## Introdução

O termalismo desempenhava na sociedade romana um papel simultaneamente social, político e cultural, muito para além do obviamente definido, a higiene pessoal e cuidar do corpo em termos físicos.

As termas eram um dos maiores prazeres da vida urbana romana. Esta ideia está bem presente no provérbio romano: «*O banho, o vinho e Venus consomem o corpo, mas são a verdadeira vida*».

Até finais da primeira metade do século III a.C. as instalações para banhos, eram exclusivas nas *domus*, habitações de famílias com melhor capacidade financeira. Por iniciativa individual ou em regime de exploração particular, ou ainda com incentivo imperial as termas públicas, enquanto equipamento urbano, vão fazendo parte do quotidiano das cidades romanas.

Na Ibéria são conhecidas várias estruturas *thermae* e, ou *balnea* no vasto património arquitectónico, legado dos romanos a partir do século II a.C., da sua chegada à península em contexto das segundas Guerras Púnicas.

## As estruturas

As termas, eram locais construídos com um fim específico, vital no quotidiano das populações. Espaços estruturalmente organizados, com objectivos claros e precisos que mostram bem a complexidade arquitectónica envolvida, e o perfeito domínio de técnicas e materiais utilizados na sua construção, com regras bem definidas, incluindo a localização topográfica preferencial.

Era comum a utilização de mosaicos cerâmicos, mármore, pinturas murais e estuques moldados (esculturas).

Cada espaço tinha uma função. A recepção era feita no *vestibulum*, e, no *apoditerium* ficavam as roupas e era preparado o corpo para os banhos, usando óleos específicos. Em algumas estruturas termais existiam salas orientadas para a massagem, a *eleotesium*, e para exercício físico, o *sphaeristeria*.

As áreas de banhos eram estruturalmente individualizadas, o *frigidarium*, era constituído por uma ou várias piscinas de diferentes dimensões e de águas frias, podendo mesmo existir um *natatio*, pista para natação e, a zona aquecida distribuída em espaços de diferentes equipamentos, o *sudatorium*, o *caldarium* e o *tepidarium*.



“a favourite custom”, 1909, Sir Lawrence Alma-Tadema, Tate Gallery (museum), London, England.

... o termo *balnea* é utilizado para edifícios que podendo ser igualmente importantes, são, não obstante, menos complexos ou monumentais do que as *thermae* (GROS, 1996: 389)

### Sequência do banho

A preparação para o banho consistia na aplicação de óleos específicos no corpo e na prática de alguns exercícios de ginástica, desporto ou mesmo luta livre;

A etapa seguinte era o *sudatorium*, com o objectivo claro de suar abundantemente, libertando os poros;

O *caldarium* era o passo a seguir, afim de retirar os restos do óleo e lavar-se, numa água tão quente quanto possível;

A transição para a água fria era feita no *tepidarium*, (sala tépida);

E finalmente no *frigidarium* a tonificação em água fria, e massagem com óleos aromáticos.

As *latrinae*, sanitários, eram estruturas habituais e dependendo da dimensão do complexo termal existiriam ainda salas para reunião, biblioteca, *palestra* e jardins, espaços destinados ao contacto social.

A zona aquecida era construída sobre o *hipocaustum*, um complexo sistema de câmaras subterrâneas, constituído por pilares e, ou arcos de tijolo ou pedra, onde circulava o ar quente produzido no *praefurnium* (fornalha). Para além de distribuir calor, era o suporte de base nas instalações aquecidas das termas.

No interior das paredes, proveniente da fornalha, circulava ar quente até aos tectos através de aberturas.

## Utilização

Segundo um relato do poeta Marcial, nas termas de Mamurra foi cobrado o valor equivalente ao banho de 3 homens a Espátala, cidadã romana, devido ao seu peito exuberante e grande.

Mediante pagamento, estes equipamentos urbanos permitiam, aos habitantes locais ou visitantes cuidar da sua higiene pessoal, e muito embora haja relatos de utilização mista, o comum era serem estabelecidos horários diferenciados para ambos os sexos de modo a que nunca fossem utilizados em simultâneo.

As crianças tinham geralmente entrada gratuita contudo, o custo associado às mulheres seria maior do que ao cobrado a homens.

## Comportamento e vida social

Os utilizadores podiam fazer nu integral ou usar uma espécie de calções, como era habito no sexo feminino.

Cótilo, Caridemo e Zoilo, eram 3 cidadãos do século I, conhecidos pelo seu comportamento indiscreto nos banhos, que envolviam relações sexuais, álcool e alimentação, sujando as águas, saindo ébrios dos mesmos, de forma que muitos cidadãos optavam por não se banharem com eles.

Alguns comportamentos e desvios de cariz sexual eram reprováveis e mal vistos, ainda que em banhos comuns ou compartimentados. Havia inclusivamente formas de fugir ao voyeurismo e técnicas para evitar erecções indesejadas, ou não, como a utilização da fíbula, não sendo apenas os judeus os únicos que a usavam.

Era usual homens livres, ricos e, as suas mulheres levarem consigo vários escravos, exibindo a sua posição social. Estes carregavam diversos artigos e acessórios para o banho: sandálias, toalhas de linho, óleos, perfumes, esponjas e a *stringilis*, um instrumento de metal que servia para raspar o excesso de óleo, suor e sujidade.

Sélia (considerado cidadão parasita) usava as termas, uma após outra, como meio para “comprar” influências e relações interpessoais convidando cidadãos importantes para banquetes na sua habitação, procurando desta forma um contacto mais próximo com estas personalidades.

Será fácil constatar que as termas eram encaradas então como centros da vida social romana, frequentadas que eram por cidadãos socialmente influentes no plano, funcional e fundamental do quotidiano e que ali vinham para reuniões informais, mercantis ou para simples convívio.

A utilização do *apodyterium* era comum, com compartimentos e estantes nos quais os cidadãos guardavam as suas roupas e pertences, entregues á guarda dos *capsarius*, funcionários das termas, ou em alternativa aos escravos particulares enquanto os donos destes se banhavam.

Instruções escritas dirigidas a jovens da nobreza, recomendavam a que estes admoestassem os seus escravos para não dormirem e ficarem vigilantes, para evitar roubos, durante a sua ausência.

**A importância do termalismo na romanização**, guia do circuito (parte\_1). Na Rota do património / roteiros de arqueologia, publicação HCC. Venda interdita, material promocional.

---

No séc. II, Roma estendia-se de Oeste a Este e da Alemanha e ilhas Britânicas ao Norte de África e médio Oriente. Todo o Mediterrâneo era território do Império.

Termas ou *balnea* existiam para uso público, nas cidades e em muitos outros lugares e nas *villae*. Poderemos dizer que o número destas estruturas era de alguma maneira incontável. Em matéria de salubridade não é possível generalizar, tal como hoje, há instalações limpas e sujas, todos sabemos, onde existe um Ser humano há ou não bons princípios.

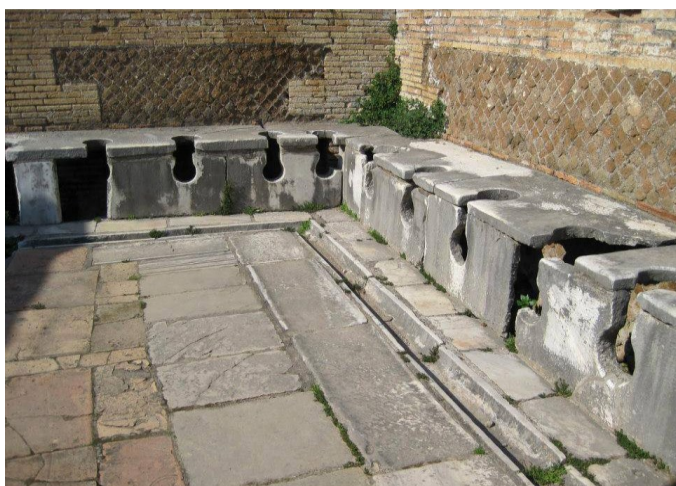
Se analisarmos a engenharia romana na construção destas estruturas, as águas eram de fluxo constante, os contadores dos SMAS ainda não existiam e a preocupação pela falta de água no mundo era ideia não pensada, e ainda vinha longe.

É óbvio que em *Natatio* de grandes dimensões e uma afluência generalizada a renovação era mais lenta. Numa metrópole como Roma com mais ou menos um milhão de habitantes, e se ainda falarmos das termas de Caracala, então seria mais problemática a substituição.

Muito luxo mas também muito lixo orgânico (óleos de limpeza, cremes, fluidos orgânicos (urina, fezes, esperma) já que os romanos não tinham pudores de qualquer natureza. A forma como encaramos a sociedade hoje, no mundo ocidental não é em definitivo a mesma como os romanos viam à época.

Porém e apesar de tudo o que ficou dito, não significa que os *balnea* e as termas, em matéria de salubridade, no império romano tenham de ser generalizadas. Serem limpas ou não dependia de quem as frequentava, dos funcionários da manutenção (escravos) e do número de usuários.

Em realidade já dispunham de instalações sanitárias (*latrinae*) onde as necessidades fisiológicas eram consumadas, e usavam, não papel higiénico, que à época não existia, mas águas correntes com que se permitiam limpar. Uma curiosidade, as instalações eram comunitárias, sem “gabinets”, como hoje. Qualquer um via o seu “vizinho” a fazer força!





# Miróbriga - Tróia

...por mais de seis séculos  
a permanência romana  
no nosso território [séc II a.C.-séc V]  
foi um facto.

Da sua civilização e,  
da romanização,  
ficaram-nos imensos testemunhos,  
de uma cultura organizada  
nos planos social,  
económico e político,  
engenharia e arquitectura.



...a nossa proposta é  
que tenha uma experiência  
inesquecível, intemporal,  
repleta de aromas e sabores  
de distantes tempos.

porque  
olhar apenas  
a pedra e os objectos  
é desvalorizar o património  
e não perceber a história.

venha e entre nesta aventura,  
tenha um optimo dia.



transporte;

entradas  
e visitas com guia;

bibliografia;

almoço  
com menú regional;

saída: Parque das Nações [Lisboa] 07:30 h  
Montijo [Portas da cidade] 08:00 h

18 de Junho (domingo)

para mais informações:

Carlos Farinha  
93 509 11 44

housecultureclub@gmail.com  
geral@housecultureclub.com





# Monsanto, Idanha-a-Nova, Penha Garcia e Idanha-a-Velha Monte Santo - a força da Pedra

visitar estes lugares  
é assimilar não só a paisagem,  
mas conviver com hábitos antigos,  
e, antes que desapareçam,  
conhecer as gentes, o seu saber,  
sentir a fé, a história,  
o seu percurso desde a origem dos tempos.

contacte-nos em ...

[geral@housecultureclub.com](mailto:geral@housecultureclub.com)

[www.housecultureclub.com](http://www.housecultureclub.com)

CULTURE CLUB  
**House** 

apresentação do Geopark Naturtejo e registo histórico-científico do tema proposto, no âmbito das aldeias históricas de Portugal;  
permanência de guias em todos os pontos do circuito;  
bibliografia de apoio ao evento;  
transporte, alojamento, alimentação [pq almoço, almoço e jantar]  
e entradas nos sítios e museus incluídos no pack;

menu gastronómico regional, ou lista como opção;  
complemento musical para o jantar de sábado;  
o evento realizar-se-á com um número mínimo de 20 participantes inscritos;  
Em data a anunciar. Mais informação, por mail, telefone e na próxima Newsletter [junho].



# Bibliografia

**Barata, Maria Filomena Santos**, 1998, Miróbriga: sua valorização e caracterização, Anales de arqueologia cordobesa, Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Córdoba, 9, pp. 59-129.

<http://helvia.uco.es/xmlui/bitstream/handle/10396/2853/9.4.pdf?sequence=1>

**Barata, Maria Filomena Santos**, 1999, As habitações de Miróbriga e os ritos domésticos romanos, Revista Portuguesa de Arqueologia, Igespar – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, 2 (2), pp. 51-67.

[http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/2\\_2/5.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/2_2/5.pdf)

**Neto de Carvalho, C. e Rodrigues, J. C.**, 2008, As árvores fósseis de Vila Velha de Ródão: contribuição para a sua conservação e valorização como geomonumentos, Açafa on line, nº 1 (2008).

[http://www.altotejo.org/acafa/docs/Estudos\\_e\\_Trabalhos/Arvores\\_Fosseis\\_de\\_Rodao.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docs/Estudos_e_Trabalhos/Arvores_Fosseis_de_Rodao.pdf)

**Verdasca, Ana Cristina Lopes**, 2010, As termas de Tróia, Tese de Mestrado, Arqueologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras - Documentação escrita e materiais do Museu Nacional de Arqueologia, 87 pp.

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2618>

## Créditos de imagem

### Fotografia

02822000001468, gravuras, Foz Côa. farinha.c;

01013000001860, árvore fóssil, Vila Velha de Ródão. farinha.c;

*latrinae* publica romana em Ostia, fonte: Wikiwand;

*latrinae* romana, representação 3-D, fonte: Internet <sup>1</sup>;

Capa da newsletter: Núcleo museológico da Rua do Sembrano, Beja; Cruziana, fósseis em Penha Garcia; Catedral Visigótica em Idanha-a-Velha; Cervídeo na Tapada de Mafra;

Poster's de circuitos, fonte: farinha.c

---

<sup>1</sup> solicita-se informação adicional e origem (autor)